

Solucionando o dilema epistemológico e metodológico em obra lexicológica de emoções e sentimentos.

Cristiane de Melo Aranda¹

¹Programa de Pós-graduação em Letras – Universidade Estadual de Maringá (UEM)

cristianearanda@yahoo.com.br

Resumo. *Atuando na elaboração de obra lexicológica de emoções e sentimentos, esta autora deparou-se com um dilema próprio do fazer científico: qual o posicionamento epistemológico e o método científico mais apropriado que possibilitará o alcance dos objetivos almejados para a obra lexicológica em questão? Para responder a este dilema, quatro pressupostos foram considerados: 1) produzir uma obra lexicológica de interesse geral; 2) de abordagem científica; 3) que contribua com o desenvolvimento da inteligência emocional; 4) que alie teoria e prática, podendo, assim, ser caracterizada como obra-útil tanto para pesquisadores quanto para o público em geral. Este artigo apresenta os caminhos percorridos para a supressão do dilema e os argumentos teóricos que contribuíram para o estabelecimento do posicionamento epistemológico e metodológico, tais como: Lexicologia/Lexicografia; Terminologia/Terminografia; forma e função na Lexicologia. Apresenta ainda a estrutura conceitual da área temática Inteligência Emocional. Finaliza com os posicionamentos tomados e o corpus desta pesquisa lexicológica de emoções e sentimentos.*

Abstract. *During the elaboration of a lexicographical work on emotions and sentiments, this author faced a dilemma inherent of the scientific production: which would be the epistemological approach and the scientific method more appropriate to reach the proposed aims of the present work? In order to answer this dilemma, four presuppositions were considered: 1) producing a lexicological work of general interest; 2) with a scientific approach; 3) which contributes to the development of the emotional intelligence of its readers; 4) which allies theory and practice, turning this work, thus, an useful tool, for researchers as well as for every reader. This article introduces the ways chosen for solving the dilemma and the theoretical arguments which contributed for establishing the epistemological and methodological approach, i.e.: Lexicology/Lexicography; Terminology/Terminography; means and function in Lexicology. The article is concluded with the selected approaches and the corpus of this lexicological research on emotions and sentiments.*

Palavras-chave: Lexicografia; Terminologia; Terminografia; Inteligência Emocional; Corpus.

1. Caminhos percorridos: Metodologia para a metodologia

Há quem pense que para a produção de uma obra lexicológica basta reunir um apanhado de palavras, organizá-las em ordem alfabética e apresentar suas definições. Este método simplificado de produção de listas pode muito bem atender algumas necessidades de organização de palavras, mas está distante de ser considerado um método razoável para produção de obra lexicológica com caráter científico.

Partindo desta premissa e objetivando a produção de uma obra lexicológica de emoções e sentimentos, esta autora viveu o dilema de ter que decidir “*qual o posicionamento epistemológico e o método mais apropriado que possibilitará o alcance dos objetivos almejados para a obra lexicológica em questão?*”, postura própria de quem assume o papel de pesquisadora e coloca a cientificidade na sua prática. Assim, tendo como base os seguintes pressupostos: 1) produzir uma obra lexicológica de interesse geral; 2) de abordagem científica; 3) que contribua com o desenvolvimento da inteligência emocional; 4) que alie teoria e prática, podendo ser caracterizada como *obra-útil* tanto para pesquisadores quanto para o público em geral, percorreu uma série nomeada *Metodologia para a Metodológica*, composta de 6 etapas, que descreve a seguir.

1ª etapa: O que significa obra lexicológica?

A primeira etapa consistiu em definir o que seria uma obra lexicológica, e, através de levantamento teórico responder: Quais as abordagens? Quais os tipos? Neste sentido, efetivou-se uma ampla pesquisa bibliográfica para compreender a diferenciação de Lexicologia e Terminologia, e ainda a tipologia destas obras, tais quais dicionários, vocabulários e glossários.

2ª etapa: Há diferenças epistemológicas?

A segunda etapa foi examinar mais detalhadamente as metodologias de cada um dos tipos, das abordagens, procedendo a um exame crítico, estabelecendo principalmente as diferenças epistemológicas de cada variação, a fim de decidir sobre a mais adequada para aquilo que pretende atingir na produção da obra. Por exemplo: o caráter semasiológico (da forma para o conteúdo) da Lexicologia versus o caráter onomasiológico (do conteúdo para a forma) da Terminologia; o *corpus* especializado da Terminologia versus o *corpus* geral da Lexicologia; ou mesmo as diferenças epistemológicas dentro da mesma vertente, ou seja, da Terminologia clássica versus a Socioterminologia. Ainda na fundamentação epistemológica, outro aspecto mereceu destaque: o posicionamento funcionalista ou formalista do pesquisador. A depender deste posicionamento, a obra ganha contornos e características completamente diferentes: uma obra com o viés funcional valoriza um *corpus* de exemplificação dinâmico e abordagem sintática-semântica; enquanto que a obra formalista privilegia os aspectos internos do léxico, a formação das palavras, no âmbito da morfologia, por exemplo.

3ª etapa: Confronto de interesses

De posse dos fundamentos teóricos sobre o fazer lexicológico, para a tomada de decisão, tornou-se imperativa a releitura do projeto inicial, realizando um cotejamento entre aquilo que se pretende e as possibilidades para a realização. Ou seja: para uma obra pretensamente de interesse geral, científica, teórica e prática sobre Inteligência Emocional, qual o melhor método a ser adotado?

4ª etapa: Análise e confirmação da temática: consulta a especialista

Na quarta etapa, para consolidação do posicionamento metodológico, a pesquisa voltou-se para o tema escolhido e suas variações. Ao olhar para as obras de referência previamente escolhidas, também foi imperativo e de máxima relevância a consulta à especialista da área temática. Neste caso, uma psicóloga que contribuiu para avaliar o nível de assertividade nas escolhas e os cuidados futuros a serem tomados com o tema.

5ª etapa: Organização dos dados lexicológicos e temáticos

O quinto passo da *Metodologia para a metodologia* consistiu na organização dos dados lexicológicos e temáticos, de modo a facilitar a visualização e a análise de todas as variáveis pesquisadas, para, por fim, chegar a última etapa.

6ª etapa: Tomada de decisão

A sexta etapa concretiza-se com a tomada de decisão da base epistemológica e metodológica do trabalho a ser realizado.

2. Argumentos Teóricos

A partir da técnica *Metodologia para a metodologia*, na realização dos passos um e dois apresentados, esta autora dedicou-se às pesquisas lexicológicas de modo geral, através de estudos conceituais. Sucintamente, os principais pontos levantados estão descritos a seguir.

2.1 Conceituação de léxico

A palavra “léxico”, identificada semanticamente como “dicionário”, foi registrada pela primeira vez no português como *lexicon*, no século XVI. É originária do Grego tardio *lexikón (biblion)*, de *léxikós*, adjetivo de *lexis* “palavra”. Já “lexicologia” surgiu do francês *lexicologie*, em 1858 (CUNHA, 1986, p. 472).

O léxico se relaciona com processo de nomeação e cognição da realidade: ao dar nome aos seres e objetos, o homem os classifica. Biderman (2001, p.14) considera que “o homem desenvolveu uma estratégia engenhosa ao associar palavras a conceitos, que simbolizam os referentes” e assim, o léxico torna-se objeto de estudo de disciplinas específicas e diversas, dentre as quais destaca-se a Lexicologia e a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia, apresentadas a seguir.

2.2 A Lexicologia e Lexicografia

São três os problemas teóricos levantados pela Lexicologia: 1) a palavra, 2) a categorização lexical, e 3) a estruturação do léxico.

Nunes (2006, p. 149) explica que a diferença básica entre Lexicologia e Lexicografia está no fato de que a Lexicologia, com o estudo do léxico, desenvolve um saber especulativo, enquanto que a Lexicografia, com a produção de dicionários, caminha para o desenvolvimento de um saber prático. Para Borba (2003, p. 15) há dois

aspectos para a Lexicografia: 1) técnica de montagem de dicionários, ocupando-se de critérios previamente estabelecidos, e 2) teoria, procurando estabelecer o conjunto de princípios que permitem descrever o léxico (produção de uma metalinguagem).

Interessante destacar o posicionamento epistemológico sintático-semântico de Borba sobre a produção de dicionários. Para ele, “dicionário nunca deverá ser tomado apenas como um simples repositório ou acervo de palavras, ao contrário, deve ser um guia de uso, e como tal, tornar-se instrumento pedagógico de primeira linha”. Sugere procedimentos baseados na lingüística descritiva, começando por “verificar quais são as grandes linhas de circulação vocabular em todos ou num registro determinado das duas modalidades básicas de manifestação da língua: o oral e o escrito”. E finaliza afirmando que embora, a princípio, possa parecer que haja uma dispersão ou difusão arbitrária, num segundo momento emerge a percepção da estreita relação texto/contexto associada à variação de acepções.

De modo didático, o mesmo autor afirma que na fase puramente observacional da elaboração de seu dicionário constatou que a variação do léxico está relacionada, principalmente, com a variação temática, o que pode ser considerada uma pista para descobrir-se a motivação que direciona a expansão/retração semântica, e que, como a estruturação sintática não está vinculada ao tema – ao conteúdo da comunicação – presume-se que a investigação das causas da variação semântica deva começar justamente pela observação da organização sintática. O autor exemplifica:

Uma palavra como *asa* tem um valor denotativo bem delimitado, mas sua associação com um constituinte do tipo de + nome fa-lá variar de significação. Assim: asa da pomba (sentido inicial), asa do nariz (aba), asa da semente (apêndice membranoso ou coriáceo), asa da xícara, do bule (alça), asas da paixão [impulso > Cf *E nas asas da paixão, meu governo se empenhou para que trouxéssemos o México e a platéia de todos os lares do Brasil* (AM-O³).

Borba reflete e desafia os pesquisadores: “não é hábito entre os nossos lexicógrafos vincular a prática lexicográfica às investigações gramaticais, como fazem os ingleses, por exemplo, (Cf Longman, Oxford Collins)”.

2.3 Terminologia

Para Andrade (2001, p. 192) a Terminologia é o *ramo das especialidades* dentro da Lexicologia, pois seu objeto de estudo são justamente as linguagens especializadas. A autora explica que, enquanto a Lexicologia trata da palavra e de seu conteúdo conceitual, na língua geral, a Terminologia se ocupa do “termo”, ou seja, da palavra especializada. A autora explica que a Terminologia tem por objeto a “recompilação, descrição e ordenação dos termos científicos e tecnológicos das linguagens especializadas”, contrapondo-se à Lexicologia que “se ocupa dos vocábulos e de vocabulários das diferentes normas lingüísticas”.

De acordo com Barros (2004, p. 47), este posicionamento pode ser caracterizado como “abordagem orientada para domínios”, pois centra a atenção da Terminologia no estudo dos conceitos, e as obras terminográficas devem, obrigatoriamente, ser elaboradas com base em uma organização sistemática de nomenclatura.

Krieger e Finatto (2004, p. 13) chamam a atenção para o caráter polissêmico do termo Terminologia, pelo menos em dois aspectos: 1) terminologia (grafado com *t* minúsculo) é o conjunto de termos específicos de uma área científica e/ou técnica; e 2) Terminologia (grafado com *T* maiúsculo) é a disciplina ou campo de estudos teórico e aplicado dedicado aos termos técnico-científicos.

Quanto ao posicionamento epistemológico, é interessante destacar a perspectiva integrada lingüístico-textual sugerida por Krieger e Finatto (2004, p. 8) para os objetos sob estudo. Elas explicam que “empreender apenas uma análise ou caracterização morfológica e sintática das terminologias científicas seria algo por demais redutor e paralisante”. Este posicionamento traz reflexos marcantes na metodologia de produção das obras terminográficas, uma vez que não dissocia o “formato” lingüístico das terminologias do seu ambiente maior de significação, os textos reais em que elas “acontecem”.

Corroborando, Silva (2003, p. 100) explica que, de fato, o marco inicial das pesquisas Terminológicas deu-se com Wüster, o engenheiro austríaco que em 1931 apresentou à Universidade Técnica de Stuttgart, na Alemanha, sua Tese de Doutorado intitulada *A Normalização Internacional da Terminologia Técnica*, e que, nesta primeira perspectiva, a vocação da pesquisa terminológica era “controlar e harmonizar os usos terminológicos em âmbito global”, assumindo caráter metodológico prescritivo e normalizador. Lara (2005, p.3) complementa, afirmando que a tese de Wüster “suscitou a criação do Comitê 37 – Terminologia, no seio da ISA (atual *ISO - International Standard Organization*) e a elaboração de princípios terminológicos, fundamentais para a comunicação entre especialistas.

Retornando a Silva (2003, p. 105), verifica-se que, de acordo com os princípios da *Teoria Geral da Terminologia – TGT*, no âmbito de uma área de especialidade, deve existir uma relação unívoca entre a UCE – Unidade de Conhecimento Especializado – e seu respectivo conceito, todavia, contrariamente, a prática do trabalho terminológico tem mostrado que não existe esta relação unívoca, pois a UCE está sujeita a variações, tecendo relações de caráter sinonímico, antonímico e polissêmico com outras UCEs.

O autor explica que ao considerar-se as relações sinonímicas e polissêmicas das UCEs, (ou seja, um conceito pode ser expresso por UCEs que apresentam variações não apenas morfológicas ou gráficas, mas também regionais e socioprofissionais) a Terminologia adquire um caráter sócioterminológico. Assim, a Terminologia de caráter variacional opõe-se a TGT e faz surgir a TCT – *Teoria Comunicativa da Terminologia*, cujo maior expoente é Maria Tereza Cabré, da Escola Ibérica de Terminologia.

[...] a TCT vem abrindo caminhos consistentes para o fazer terminográfico, a partir dessa inovação no pensar terminológico, assumindo necessariamente a diversificação discursiva em função da temática, do tipo de emissor, dos destinatários, do nível de especialização, do grau de formalidade, do tipo de situação, da finalidade, do tipo de discurso, entre outros (SILVA, 2004, p. 107).

Observa-se assim, que a Terminologia pode ser considerada por diferentes funções, finalidades, métodos, escolas e perspectivas do objeto.

2.3.1. Perspectiva Sócioterminológica

Partindo da definição de Faulstich para Socioterminologia como a “prática de trabalho terminológico, (que) fundamenta-se na análise das condições de circulação do termo, assentada no funcionamento da linguagem”, Dias (2004, p. 84) explica que a Terminologia não se limita mais à perspectiva da normalização, havendo, atualmente, várias aplicações. O novo paradigma para a Terminologia é explicitado pelo autor:

A sinonímia e a polissemia, vistas até então como problemas na comunicação especializada, são incorporadas aos estudos terminológicos, abandonando-se o ideal da monossemia e da bi-univocidade termo/conceito, dando lugar a uma descrição mais abrangente e mais completa do termo, suas variantes e possibilidades de atualização no discurso. Passa-se da unificação – reduzir a um - para a harmonização – estabelecer padrões de equivalência entre unidades de valor real distinto (DIAS, 2004, p. 88).

Destaca-se que a Terminologia constitui a base 1) do ordenamento do conhecimento; 2) da transferência de conhecimentos; 3) da formulação e disseminação de informações especializadas; 4) da transferência de textos científicos para outros idiomas; 5) da armazenagem e recuperação de informação especializada, e é justamente por este aspecto que se pode caracterizar a importância desta ciência no mundo atual.

2.4 Tipologia de obras Lexicográficas e Terminográficas

Silva (2003, p. 118), após empreender extensa pesquisa sobre o assunto e levantar o histórico da constituição da normalização terminológica no Brasil, desde a Norma ISO 1087, sua tradução realizada pela Comissão de Estudo Especial Temporária de Terminologia instalada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) em 1992; sua revisão conceitual; somada ao posicionamento de diferentes autores, a partir de pontos de vistas distintos, assim apresenta a caracterização das obras lexicográficas e terminográficas:

i. os chamados **dicionários de línguas** processam as unidades lexicais da língua geral; ii. os **dicionários terminológicos** processam unidades lexicais especializadas de uma determinada língua de especialidade, podendo ser denominados também por **vocabulários** (quando a coleta não se mostrar exaustiva de uma determinada área de especialidade), ou **glossário**, como sinônimo.

O pesquisador informa ainda que as obras lexicográficas ou terminográficas podem variar de acordo com: seu *caráter* (formal: direto ou inverso – ou semântico); *critério lingüístico* (puro ou misto); *cronologia* (sincrônico ou diacrônico); *sistema lingüístico* (individual ou independente); *número de línguas* (monolíngüe ou plurilíngüe); *critério de seleção do léxico* (geral ou especializado); *quanto ao papel do emissor ou receptor* (onomasiológico, ortoépico, ortográfico, de formação de palavras, de dúvidas); *das relações estruturais do léxico* (sinônimos, antônimos, ideológicos); *de descrição da evolução dos sistemas lingüísticos* (históricos, etimológicos), por exemplo (SILVA, 2003, p. 124 a 132).

Nota-se, que uma obra desta natureza pode facilmente ser encaixada em mais de uma categoria, adquirindo caráter tanto descritivo quanto normativo, sendo ao mesmo tempo *de uso* e *prescritivo*, independente de ser uma obra geral (lexicográfica) ou de especialidade (terminográfica). O posicionamento terminográfico ou lexicográfico passa a ser definido, então, pela temática, pelo *corpus* e os objetivos do trabalho.

2.5 Forma e Função na Lexicologia

Representando duas correntes ideológicas contrárias, e tidas por muitos como excludentes, o Formalismo (forma) e o Funcionalismo (função) nas pesquisas Lingüísticas têm sido motivo de debates ao longo do último século, em diferentes Escolas e países.

Basicamente, no pólo formalista, verifica-se como característica principal a tendência em analisar a língua como um objeto autônomo, cuja estrutura independe de seu uso em situações comunicativas reais. Já no pólo funcionalista, as línguas são instrumentos de comunicação, e como tal, têm característica maleável, moldando-se a adaptando-se às diferentes situações comunicativas (MARTELOTTA e AREA, 2003, p. 20).

Dillinger (1991, p. 402) sugere que “a teoria funcionalista é adequada, detalhada, ou interessante somente à medida que as teorias de comunicação e interação social em que se baseia o são”, e a dificuldade está justamente no fato de que as estas teorias são recentes e, portanto, pouco desenvolvidas, abrindo espaço de críticas e refutações para quem valoriza a precisão e o rigor formal.

Por outro lado, a teoria formalista, que tem o respaldo de uma longa tradição gramatical e independe dos progressos em outras áreas, também apresenta deficiências, pois “não se sabe até que ponto serão úteis quando chegar a hora de integrar a teoria das estruturas lingüísticas àquelas em uso”, afirma.

O autor sugere que na Lingüística haja a mesma compreensão que há em outras ciências sobre a importância de se investigar um mesmo objeto sob pontos de vista diferentes, tal qual a anatomia (formalista) e a fisiologia (funcionalista) no estudo do corpo humano, sem dicotomias, pois, segundo ele “é somente pela síntese de todas as áreas que se chega à compreensão do todo”.

No Brasil, na última década, os estudos lingüísticos demonstram que vários pesquisadores partilham da opinião de Dillinger, haja vista o posicionamento de Borba, Krieger e Finatto, Dias, ou Cabré aqui anteriormente citados.

Borba (2003, p. 15), ao referir-se a uma base teórica sintático-semântica na produção de um dicionário, prova a aproximação entre estas duas vertentes (forma e função), superando a dicotomia e extraíndo de cada uma o que há de melhor, ou seja, a manutenção da análise gramatical do léxico em estudo, e sua adaptação semântica, observada nos discursos onde esteja sendo empregado. Do mesmo modo, a Terminologia de base lingüística-textual sugerida por Krieger e Finatto (2004, p. 8) para obras terminográficas, também eliminam a dicotomia forma-função, confluindo para o mesmo ponto de convergência, ou seja, a abordagem interacionista sintático-semântico, lingüística-textual para estudo do léxico.

3. Estrutura Conceptual da Inteligência Emocional

O tema Inteligência Emocional ganhou notoriedade a partir de 1995, com a publicação da tese de Daniel **Goleman** “Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente”. Publicado pela primeira vez nos Estados Unidos, rapidamente a obra ganhou traduções nas mais diferentes línguas e tornou-se *best-seller* internacional. No livro, o psicólogo PhD em Harvard apresenta as recentes descobertas neurológicas

para justificar a hipótese de que o controle das emoções é fator essencial para o desenvolvimento da inteligência do indivíduo.

Na prática, o que a obra de Goleman fez, foi trazer novamente para o foco das discussões científicas a problemática das emoções, e assim, promover o resgate de importantes pensadores que anteriormente haviam abordado esta questão, e que por motivos diversos entraram em ostracismo, como é o caso de Lev Semenovitch **Vygotsky** (1896 – 1934) e Henri Paul Hyacinthe **Wallon** (1879 – 1962).

Vygotsky (2003, p. 122), 70 anos antes de Goleman, escreveu:

Não sei por que em nossa sociedade formou-se um critério unilateral sobre a personalidade humana, nem por que todos relacionam dons e talento apenas ao intelecto. Além de ser possível pensar com talento, também se pode **sentir talentosamente**. O aspecto emocional da personalidade não tem menos importância que outros e constitui objeto e a preocupação da educação, na mesma medida que o intelecto e a vontade. O amor pode conter tanto **talento** e inclusive **genialidade** quanto a descoberta do cálculo diferencial. Em ambos os casos o comportamento humano adota formas excepcionais e grandiosas.

Assim, Vygotsky passa a ser considerado o precursor do conceito de inteligência emocional, e um dos principais representantes da corrente histórico-social da Psicologia moderna, área científica que fundamenta este trabalho.

Outro representante da corrente histórico-social da Psicologia, Henri Wallon, autor da teoria psicogenética e interacionista do desenvolvimento, afirma que o homem é um ser “geneticamente social”. Ou seja, para compreender o homem, é necessário compreender a integração organismo-meio; a integração dos conjuntos funcionais; emoções, sentimentos e paixão; e ainda o papel da afetividade nos diferentes estágios da vida. Em síntese, propõe o estudo integrado da afetividade, motricidade e inteligência (MAHONEY e ALMEIDA, p. 57).

A profundidade com que tratou as questões sobre o desenvolvimento humano; a compreensão de que a emoção é parte fundamental e constitutiva do comportamento humano; e a constatação de que a memória é modulada pela emoção, promoveram o resgate de suas idéias.

Antonio **Damásio** (1944 –), médico neurologista e um dos mais respeitados neurocientistas da atualidade, na obra “O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si” publicado em 2000, retoma algumas questões levantadas por Wallon. Destaca-se que antes disso, Damásio ficou mundialmente famoso com outro *best-seller* “O erro de Descartes – emoção, razão e cérebro humano”, de 1995, que também corrobora pontos de vista de Vygotsky.

Lima (2000, p. 50), no artigo “Vygotsky e Wallon e o futuro da Psicologia” explica que há duas razões para o ressurgimento de idéias que foram elaboradas no final do século XIX e desenvolvidas nas primeiras décadas do século XX:

(...) o fato de que os teóricos dessa linha do pensamento trataram com profundidade questões que hoje são centrais na discussão sobre o desenvolvimento humano e o fato de que, epistemológica e metodologicamente, o trabalho por eles realizado é consoante com a abordagem interdisciplinar que hoje se faz nos estudos do comportamento humano em suas dimensões neuro-biológica e cultural.

Considerando a atualidade da abordagem interacionista da Psicologia histórico-social no estudo das emoções, e ainda a urgência da temática para a sociedade contemporânea, é que decidiu-se por esta área de especialidade para fundamentar a elaboração do glossário terminológico da inteligência emocional que ora se apresenta.

4. Posicionamentos Epistemológicos e Metodológicos

Atendendo às premissas da obra e a adequação à estrutura conceitual, optou-se pelos posicionamentos epistemológicos e metodológicos descritos a seguir.

4.1. Lexicologia ou Terminologia?

Pautado na temática “emoções”, após amplo estudo empreendido na etapa 1 da *Metodologia para a metodologia*, optou-se por realizar uma obra de *caráter terminológico*, buscando-se, por meio da abordagem histórico-social da Psicologia, identificar como esta ciência define e conceitua o que são as emoções. E ainda, como a educação das emoções contribui para o desenvolvimento da Inteligência Emocional.

4.1.1 Perspectiva terminológica

A perspectiva de trabalho será a Socioterminológica, baseada na *Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)*. Este trabalho corroborará o ponto de vista de Cabré (Silva, 2003, p. 106) e assumirá a *variação* como fenômeno que permeia todo o ato linguístico.

4.2 Perspectiva formal ou funcional?

Para fixar o posicionamento epistemológico da autora e da obra, torna-se necessária a explicitação do paradigma interacionista que suspenderá a dicotomia forma/função no trabalho em questão. Esta escolha encontra respaldo nos fundamentos da TCT, onde se encontra o seguinte objetivo: “Descrever formal, semântica e funcionalmente as unidades que podem adquirir valor terminológico” (DIAS, 2004, p. 97).

4.3 Tipologia da obra

A obra será um *glossário terminológico*, pois processará unidades lexicais especializadas em um *corpus* não exaustivo, dada a amplitude da pesquisa e o tempo determinado para realizá-la.

O Glossário Terminológico da Inteligência Emocional também será classificado como *escrito, contemporâneo, de amostragem, especializado, monolíngue, não etiquetado e documentado* (DIAS, 2004, 185 a 188), pois:

- *Escrito*: os textos foram escritos e publicados em livros, de onde foram coletados;
- *Contemporâneo*: embora alguns textos datem de séculos anteriores, os mesmos foram retomados na atualidade, sendo considerados contemporâneos, dada a abordagem contextualizada para o século XXI.
- *De amostragem*: os textos sintetizam os registros da Psicologia histórico-social e são representativos do todo desta área de especialidade.
- *Especializado*: os textos, elaborados por médicos, psicólogos e filósofos, apresentam o rigor imposto pelo gênero do discurso desta área de especialidade.

- *Monolíngüe*: Embora os originais tenham sido escritos em outras línguas, é sobre suas traduções para o português que recairão os trabalhos de recolha das UCEs para composição do glossário terminológico proposto. Deste modo, os textos estão escritos em língua portuguesa.
- *Não-etiquetado*: o *corpus* é composto por textos em suas versões originais, sem acréscimos de informações ou marcações internas.
- *Documentado*: os textos trazem uma série de marcações extralingüísticas, tais como citações, referenciais teóricos e datação, por exemplo.

5. Corpus

O *corpus* deste trabalho parte da definição apresentada por Sanchez (1995, p. 8-9 *apud* SARDINHA, 2000):

Um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de um de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise.

Avalizado pela consultora especialista na área especializada, o *corpus* do Glossário Terminológico da Inteligência Emocional será composto das seguintes obras:

DAMÁSIO, Antonio. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

_____. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. trad. Laura T. Motta, rev. Luiz H. M. Castro. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. trad. Marcos Santarrita. ed. rev. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VYGOTSKY, Lev. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Psicologia Pedagógica*. org. Guillermo Blanck, apres. René van der Veer, introd. Mário Carretero, trad. Cláudia Schilling, Porto Alegre: Artmed, 2003.

WALLON, H.P.H. *Evolução psicológica da criança*. Andes, Rio de Janeiro, s.d.

_____. *Origens do pensamento na criança*. Manole, São Paulo, 1989.

_____. *Psicologia e educação da infância*. Estampa, Lisboa, 1975.

6. Conclusão

Para a produção de uma obra lexicográfica de caráter científico torna-se relevante uma tomada de posição epistemológica e metodológica que assevere a coerência interna ao trabalho. Este artigo teve por objetivo demonstrar as variáveis envolvidas neste processo inicial de pesquisa, bem como os procedimentos adotados. Foi a aplicação da técnica *Metodologia para a metodologia* que permitiu definir a obra como *Glossário Terminológico da Inteligência Emocional*, caracterizado também como escrito, contemporâneo, de amostragem, especializado, monolíngüe, não etiquetado e documentado.

7. Referências

ANDRADE, Maria Margarida. *Lexicologia e Terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais*. Em OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires e ISQUIERDO, Aparecida Negri (org). *As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. 2ª Ed. Campo Grande: Ed. UFMG, 2001.

BARROS, Lídia Almeida. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo, SP: Edusp, 2004.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *As Ciências do Léxico*. IN: *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia* / Ana Maria Pinto Pires de Oliveira, Aparecida Negri Isquierdo, organizadoras. – 2ª. Ed. – Campo Grande, MS: Ed. EFMS, 2001.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de Dicionários: uma introdução à Lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Antonio Geraldo da Cunha; assistentes: Cláudio Mello Sobrinho ... [et.al.]. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª. Ed. Revista e ampliada: 1986.

DAMÁSIO, Antonio. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

_____. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. trad. Laura T. Motta, rev. Luiz H. M. Castro. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

DIAS, James Gonçalves. *Aspectos Terminológicos no Discurso de Divulgação Científica*. Tese (doutorado em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

DILLINGER, Mike. *Forma e Função na Lingüística*. D.E.L.T.A., vol. 7, n° 1, 1991, seção Debate, p. 395 a 407.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. trad. Marcos Santarrita. ed. rev. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. *Elementos de Terminologia (apostila para uso didático)*. Disciplina Introdução à Terminologia Aplicada à Documentação, CBD-ECA-USP, 2005.

LIMA, Elvira Souza. Vygotsky e Wallon e o Futuro da Psicologia. *Interações*. São Paulo: vol. V, n. 9, p. 49-55, jan/jun 2000.

KRIEGER, Maria da Graça & FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

MAHONEY, Abigail Alvarenga e ALMEIDA, Laurinda Ramalho. *Viver mente&cérebro*, Coleção Memória da Pedagogia, Ed. Especial n. 6. p. 57.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. *A Visão Funcionalista da Linguagem no Século XX*. IN: *Lingüística Funcional – Teoria e Prática* / Maria Angélica Furtado da Cunha, Mariângela Rios de Oliveira, Mário Eduardo Martelotta, organizadores. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NUNES, José Horta. IN: GUIMARÃES, Eduardo (org). *A Palavra e a Frase*. Campinas, SP, Pontes Editores: 2006.

SARDINHA, T. B. *Linguística de Corpus: histórico e problemática*. DELTA, vol. 16 (2). Disponível em <http://www.scielo.br>

SILVA, Manoel Messias Alves da. *Dicionário Terminológico da Gestão Pela Qualidade Total em Serviços*. Orientadora: Profa. Dra. Ieda Maria Alves. Tese (doutorado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2003.

VYGOTSKY, Lev. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Psicologia Pedagógica*. org. Guillermo Blanck, apres. René van der Veer, introd. Mário Carretero, trad. Cláudia Schilling, Porto Alegre: Artmed, 2003.